UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
COMUNICAÇÃO VISUAL DESIGN

RAISSA DIAS DE SOUZA

SUN.IA: QUANDO O TARÔ ENCONTRA A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

RIO DE JANEIRO
2025

RAISSA DIAS DE SOUZA

SUN.IA: QUANDO O TARÔ ENCONTRA A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Monografia de final de curso, apresentada à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como pré-requisito para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Visual Design.

Orientação: Prof. Dr. Leonardo Ventapane Pinto de Carvalho

RIO DE JANEIRO

2025

RAISSA DIAS DE SOUZA

SUN.IA: QUANDO O TARÔ ENCONTRA A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Monografia de final de curso, apresentada à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como pré-requisito para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Visual Design.

Orientação: Prof. Dr. Leonardo Ventapane Pinto de Carvalho

Aprovado

gov.br
Documento assinado digitalmente
LEONARDO VENTAPANE PINTO DE CARVALHO
Data: 14/07/2025 18:00:49-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Leonardo Ventapane Pinto de Carvalho (Orientador)
CVD/EBA/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

gov.br
Documento assinado digitalmente
CLORISVAL GOMES PEREIRA JUNIOR
Data: 14/07/2025 22:27:30-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Clorisval Gomes Pereira Junior – Membro Interno
CVD/EBA/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

gov.br
Documento assinado digitalmente
FABIANA OLIVEIRA HEINRICH
Data: 14/07/2025 22:23:49-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Fabiana Oliveira Heinrich – Membro Interno
CVD/EBA/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta o desenvolvimento do projeto Sun.IA, uma plataforma digital criada para experimentar novas formas de interação entre o tarô e a inteligência artificial generativa. A proposta é investigar como a IA pode ser aplicada em práticas simbólicas, sem substituir a sensibilidade humana, mas oferecendo apoio na criação, organização e acesso ao conhecimento. A plataforma é composta por quatro áreas: consulta, conteúdo, criação e comunidade. Cada uma dessas áreas foi pensada para oferecer uma experiência complementar. A pesquisa adota uma abordagem exploratória, abordando tanto os benefícios quanto os desafios do uso da IA nesse contexto, incluindo questões éticas, simbólicas e de usabilidade. A inteligência artificial foi utilizada como ferramenta de apoio ao longo do projeto, com curadoria e intervenção humana em todas as etapas. O tarô é tratado como uma linguagem aberta, capaz de dialogar com novas tecnologias sem perder sua potência simbólica e oracular. O objetivo não é chegar a respostas definitivas, mas abrir caminhos para pensar o uso consciente da IA em práticas sensíveis e criativas de (auto-)conhecimento.

Palavras-chave: tarô, inteligência artificial, plataformas digitais.

ABSTRACT

This final graduation project presents the development of Sun.IA, a digital platform created to explore new forms of interaction between tarot and generative artificial intelligence. The aim is to investigate how AI can be applied to symbolic practices, not to replace human sensitivity, but to support the creation, organization, and access to knowledge. The platform is structured into four main areas: consultation, content, creation, and community. Each of these areas was designed to offer a complementary experience. The research follows an exploratory approach, addressing both the benefits and the challenges of using AI in this context, including ethical, symbolic, and usability issues. Artificial intelligence was used throughout the project as a support tool, always mediated by human curation and critical reflection. Tarot is approached as an open language, capable of dialoguing with new technologies without losing its symbolic and oracular power. The goal is not to arrive at definitive answers, but to open paths for reflecting on the conscious use of AI in sensitive and creative (self-)knowledge practices.

Keywords: tarot, artificial intelligence, digital platforms.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Arcanos Maiores 19
Figura 2 – Arcanos Menores 19
Figura 3 – Carta O Sol 24
Figura 4 – Logotipo Sunny A 25
Figura 5 – Página de Entrada 26
Figura 6 – Cartas Celestiais 27
Figura 7 – Página de Consulta Inicial 29
Figura 8 – Resultado da Página de Consulta 30
Figura 9 – Resultado Diferente 31
Figura 10 – Carta A Lua 32
Figura 11 – Página de Conteúdo, Sessão das Cartas 33
Figura 12 – Página de Conteúdo, Sessão dos Baralhos 35
Figura 13 – Página de Conteúdo, Sessão das Leituras 36
Figura 14 – Página de Criação de Cartas 37
Figura 15 – Carta A Estrela 38
Figura 16 – Carta O Mundo 39
Figura 17 – Página da Comunidade 40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8

1. INTELIGENCIA ARTIFICIAL 9

1.1 CONTEXTUALIZANDO A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL 9

1.2 DESAFIOS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL 11

1.3 BENEFÍCIOS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL 16

2. TARÔ 17

2.1 CONTEXTUALIZANDO O TARÔ 17

2.2 DESAFIOS DO TARÔ 19

2.3 BENEFÍCIOS E BEM-ESTAR ATRAVÉS DO TARÔ 21

3. PLATAFORMA SUN.IA 21

3.1 CONSULTA 25

3.2 CONTEUDOS 30

3.3 CRIAÇAO 37

3.4 COMUNIDADE 38

CONSIDERAÇOES FINAIS 41

REFERÊNCIAS 44

INTRODUÇÃO

A proposta deste projeto nasce do desejo de construir pontes entre dois universos que, à primeira vista, podem parecer distantes: o tarô, uma prática antiga e sensível, e a inteligência artificial, uma tecnologia recente, que vem ganhando forma. A plataforma desenvolvida ao longo deste trabalho se estabelece como um espaço digital que une esses dois campos, oferecendo consultas oraculares automatizadas, ambientes de estudo e aprendizado, também traz ferramentas para a criação de baralhos de cartas autorais, e um espaço de exploração e conexão entre a comunidade. O objetivo principal é ampliar o acesso às práticas e conhecimento do tarô e explorar o potencial da IA generativa como ferramenta criativa e mediadora desse processo.

A motivação para investigar de que forma a inteligência artificial pode dialogar com práticas do tarô, veio de uma necessidade particular de ampliar o acesso a experiências de crescimento pessoal, autoconhecimento e bem-estar. Como designer e praticante de tarô, reconheço nessas duas linguagens, uma ancestral, outra emergente, a possibilidade de dialogar em meio ao avanço de tecnologias automatizadas e o retorno de práticas esotéricas (THE GUARDIAN, 2025). O crescimento de modelos generativos, capazes de criar textos e imagens, levanta questionamentos sobre autoria, aprendizado, criatividade, intuição humana e ética. A proposta da plataforma Sun.IA não é substituir práticas tradicionais, mas experimentar como esses sistemas podem colaborar com processos subjetivos e simbólicos (JUNG, 2000). Trata-se, assim, de um estudo exploratório que busca compreender os potenciais e limites desse encontro entre IA e tarô.

Para isso, é necessário um breve retorno aos conceitos fundamentais. A inteligência artificial, enquanto campo de estudo e desenvolvimento computacional, ganha visibilidade a partir da década de 1950, sendo a Conferência de Dartmouth, em 1956, considerada seu marco inaugural. Nesse período, pesquisadores como John McCarthy e Marvin Minsky passaram a explorar sistemas capazes de simular capacidades humanas de raciocínio e resolução de problemas (SICHMAN, 2021). Contudo, é a partir da conjunção de três fatores - o barateamento do processamento, o acesso massivo a dados e o surgimento de redes neurais profundas - que a IA passa a operar em outra escala, especialmente com os chamados modelos conexionistas, como os *large language models*, que se baseiam em redes neurais capazes de aprender padrões complexos e gerar conteúdo a partir de grandes volumes de dados (SICHMAN, 2021). Essa capacidade de simular criatividade, muitas

vezes emulando padrões humanos de escrita, imagem ou som, transforma a IA em algo que extrapola o funcional e entra no terreno da imaginação.

Por outro lado, o tarô, que por séculos transitou entre o lúdico, o místico e o filosófico, mantém-se como uma ferramenta aberta, interpretativa, que opera a partir de arquétipos e símbolos coletivos em constante evolução (POLLACK, 2023). Suas cartas não oferecem verdades absolutas, mas espelhos e possibilidades para que cada pessoa formule suas próprias leituras do mundo. O encontro entre IA e tarô, portanto, propõe uma nova relação: e se os sistemas computacionais pudessem ser também oráculos contemporâneos, não no sentido de prever o futuro, mas de abrir novas possibilidades de escuta e reflexão?

Essa intersecção entre simbologia e tecnologia estrutura os capítulos que compõem este trabalho. Durante o desenvolvimento do processo é analisado e observado os impactos, desafios, história e oportunidades do tema central abordado - o tarô encontrando a inteligência artificial. No primeiro, é apresentado a página de Consultas, um ambiente para gerar sessões de tarô por inteligência artificial, baseadas em prompts e aprendizado de máquina, gerando respostas interpretativas e narrativas. Em seguida, o capítulo de Conteúdo, página de espaço para acesso a todo tipo de conhecimento e estudo que envolve o universo do tarô. O terceiro capítulo se debruça sobre a página de Criação de baralhos personalizados. Por fim, o quarto capítulo aborda a construção da página de Comunidade, pensando o espaço da plataforma como um território de troca, partilha e aprendizado coletivo.

1. INTELIGENCIA ARTIFICIAL

1.1 CONTEXTUALIZANDO A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

A inteligência artificial é uma área da ciência da computação que busca criar sistemas capazes de simular capacidades humanas como pensar, aprender, perceber e tomar decisões. Ela não é uma invenção recente, embora tenha ganhado destaque nos últimos anos com a popularização dos algoritmos generativos. Suas origens remontam ao século XX, quando cientistas começaram a imaginar como máquinas poderiam replicar certos aspectos do raciocínio humano.

O termo "inteligência artificial" foi utilizado pela primeira vez em 1956, durante a Conferência de Dartmouth, considerada o marco inicial da IA. Nomes como John McCarthy,

Marvin Minsky e Alan Newell participaram do evento e estabeleceram as bases do campo. Desde então, a IA passou por ciclos de entusiasmo e estagnação, chamados de "invernos da IA", como nos períodos de 1975 a 1980 e de 1987 a 1993 (SICHMAN, 2021, p. 37).

Inicialmente, acreditava-se que bastaria programar regras lógicas para simular a inteligência. Porém, os pesquisadores perceberam que muitas tarefas humanas envolvem ambiguidade e contexto, algo difícil de codificar por algoritmos tradicionais (VAITIEKUNAS, 2024, p. 46). Isso levou ao desenvolvimento de novas abordagens, como o paradigma conexionista, que usa redes neurais artificiais inspiradas no funcionamento do cérebro humano (SICHMAN, 2021, p. 39).

O avanço significativo da IA ocorre a partir da década de 2010, com a expansão das técnicas de aprendizado de máquina (machine learning) e, especialmente, do aprendizado profundo (deep learning). Diferente dos modelos anteriores, essas técnicas não exigem que todas as regras sejam programadas. Em vez disso, os sistemas são treinados com grandes volumes de dados para reconhecer padrões e gerar inferências estatísticas (VAITIEKUNAS, 2024, p. 47).

Esse processo, contudo, não está isento de críticas. A forma como a IA é treinada e os dados que utiliza podem carregar vieses e reproduzir desigualdades sociais (VAITIEKUNAS, 2024, p. 48). Além disso, a lógica de extração de dados que sustenta os modelos generativos está inserida no contexto do chamado "capitalismo de vigilância" (ZUBOFF, 2021), no qual dados pessoais se tornam matéria-prima para previsão e manipulação de comportamentos.

Com o surgimento de modelos como o GPT, da *OpenAI*, observa-se um salto nas capacidades generativas da IA. Esses modelos são capazes de criar textos e imagens a partir de comandos simples, com alto grau de coerência. Contudo, como explica Sichman (2021, p. 45), apesar do sucesso prático dessas tecnologias, é preciso lembrar que elas não pensam nem compreendem, apenas operam com base em predição e cálculo estatístico.

No contexto deste projeto, interessa explorar o uso da IA não como substituição da intuição ou da sensibilidade humana, mas como ferramenta facilitadora capaz de reorganizar signos e provocar reflexão.

Segundo Vaitiekunas (2024, p. 49), o design precisa estar atento aos riscos de apropriação dos dados e à reprodução de lógicas coloniais por meio da tecnologia, como o colonialismo de dados. Nesse sentido, usar IA no contexto simbólico e subjetivo do tarô exige um cuidado ético

redobrado, não apenas técnico. Como destaca a UNESCO (2022), projetos baseados em IA devem se orientar por princípios como transparência, justiça, responsabilidade e supervisão humana: princípios fundamentais quando lidamos com subjetividades.

Portanto, compreender o contexto histórico, técnico e ético da IA é essencial para situar o presente trabalho. A proposta não é apenas explorar o que a IA pode fazer, mas como ela pode ser usada de forma responsável e crítica, respeitando os limites entre simulação e presença, entre predição e intuição. É nesse espaço de tensão que a plataforma se constrói, unindo essas duas formas de linguagem.

1.2 DESAFIOS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Falar de inteligência artificial é também falar de limites, riscos e responsabilidades. Embora a IA esteja cada vez mais presente na vida cotidiana, ela não é neutra, nem livre de conflitos. Muito pelo contrário, por trás de cada modelo, de cada linha de código, existe uma cadeia complexa de decisões humanas, dados históricos, interesses políticos, lógicas de mercado e visões de mundo que moldam o que essa inteligência pode ou não fazer. “A relação entre IA e sociedade, entendida de forma ampla, é um eixo essencial no estudo de inteligências artificiais” (COZMAN; NERI, 2021, p. 29). E é justamente aí que começam os principais desafios.

Um dos maiores problemas da IA está no seu treinamento. Para que ela funcione, precisa ser alimentada com grandes quantidades de dados. Esses dados vêm da internet, de livros, de registros históricos, de conteúdos criados por pessoas. O que muitas vezes não se diz é que esses bancos de dados estão cheios de preconceitos, estereótipos, exclusões. A IA aprende com o que existe, e o que existe reflete um mundo desigual, racista, misógino, colonial. Ou seja, ao reproduzir padrões, a IA também pode reforçar essas violências. Segundo Veridiana Domingos Cordeiro (2021), a presença dos algoritmos reconfigura relações sociais fundamentais, pois eles passam a intermediar ações e orientar comportamentos, “trazendo impactos ontológicos e epistemológicos à vida social” (p. 204).

Isso significa que, mesmo sem querer, uma IA pode ser racista, machista, transfóbica ou elitista. Porque ela aprende com textos, imagens e estruturas que trazem essas marcas. Esse é um dos grandes perigos da tecnologia quando não pensada com cuidado: ela pode automatizar opressões. Torná-las invisíveis. Transformar injustiças em estatísticas. E, pior, fazer parecer que

aquilo é “natural” ou “neutro”, quando na verdade é apenas o reflexo de uma sociedade cheia de distorções. Como argumenta Giselle Beiguelman, os sistemas de IA, ao classificar imagens, revelam os “vieses do próprio homem por trás desses sistemas”, evidenciando que não há neutralidade no processo de aprendizagem (PRATA; BEIGUELMAN, 2021, p. 125).

Outro desafio fundamental e complexo é o da autoria e ética. Se a IA cria um texto, uma imagem ou uma carta de tarô, de quem é essa criação? Ela pertence à pessoa que apertou o botão? À equipe que treinou o modelo? Às milhares de pessoas cujos dados foram usados sem consentimento para alimentar o sistema? Essa pergunta ainda está em aberto e as respostas variam de acordo com leis, contextos e interesses. Mas é certo que há algo ético em jogo: a IA gera, mas não cria do zero. Ela recicla sentidos, reorganiza padrões. Como Cozman e Neri (2021) apontam, “a IA gera conhecimento sem intervenção humana”, mas com base em estruturas estatísticas e bancos de dados formados a partir de obras humanas (p. 19–25). Um dos objetivos desse TCC, não é aprofundar nos conceitos que adentram a vasta área da ética, mas é manter aqui um lembrete que ainda é necessário e de suma importância; o diálogo para utilizar a Inteligência Artificial de maneira responsável, para isso é preciso continuar a questionar e refletir como a utilizamos nesse novo mundo tecnológico.

O uso da IA também levanta questões profundas sobre trabalho. Em muitos setores, algoritmos têm substituído tarefas humanas, o que pode gerar desemprego, precarização e exploração. Ao mesmo tempo, há um enorme trabalho invisível por trás da IA: pessoas que rotulam dados, corrigem erros, moderam conteúdos traumáticos, tudo de forma mal remunerada, muitas vezes em condições degradantes. Essa “infraestrutura humana da IA” é quase sempre apagada dos discursos de inovação. Como lembra Bruno Moreschi (2021), até mesmo no campo da arte, “há falhas e padrões enviesados de compreensão do mundo” operados por sistemas que, por trás da aparência técnica, dependem de camadas humanas invisibilizadas (p. 110).

No campo da espiritualidade e do autoconhecimento, o uso de IA ainda é tabu. Muitas pessoas questionam se é legítimo usar uma tecnologia tão racional para mediar experiências simbólicas e subjetivas. Essa tensão é compreensível e necessária. Afinal, estamos falando de práticas que envolvem emoção, presença, silêncio, mistério. A IA, ao entrar nesse campo, desafia os limites entre o que é máquina e o que é alma. E isso pode gerar incômodos, resistências, rupturas.

Outro ponto delicado é a tendência à automatização do sentir. Quando usamos IA para escrever mensagens sensíveis, criar poemas ou conduzir leituras de tarô, corremos o risco de esvaziar a experiência. Se tudo é gerado, o que ainda é vivido? Essa pergunta nos obriga a pensar sobre a diferença entre presença real e presença simulada. A IA pode dizer coisas bonitas, entretanto, ela sente o que diz? E, mais importante, importa se sente ou não? Ou basta que a gente se sinta tocado?

Esse é um paradoxo central: a IA não sente, mas nos emociona. Ela não tem alma, mas provoca sentido. Ela não vive, mas reorganiza experiências vividas. Isso é, ao mesmo tempo, mágico e perigoso. Como lembra Marcelo Finger (2021), muitas aplicações de IA são tratadas com "oba-oba", sem um entendimento mais profundo de seus limites e impactos (p. 95).

A idealização da IA como entidade superinteligente também é um desafio. Muita gente acredita que ela "sabe tudo", que ela é objetiva, imparcial ou até superior ao humano. Isso é uma ilusão. A IA erra e muito. Ela pode alucinar respostas, inventar fatos, confundir sentidos. "Inteligência artificial" é uma expressão popularizada, mas não significa inteligência no sentido humano - "o que hoje é considerado atividade inteligente pode se tornar banal assim que suas regras são codificadas" (COZMAN; NERI, 2021, p. 22).

Outro ponto crítico é a concentração de poder. As tecnologias mais avançadas de IA estão nas mãos de poucas empresas, quase todas localizadas nos Estados Unidos e na Europa. Isso cria uma assimetria global: quem controla os dados, os servidores, os modelos? Quem decide o que pode ou não ser gerado? Quem lucra com tudo isso? A IA, nesse sentido, também é uma questão geopolítica, econômica e cultural. Como afirma Glauco Arbix (2021), "a transparência deve estar no centro da construção de uma IA ética" (p. 260).

No campo do design, da arte e da criação, a IA também provoca tensões. Ela facilita processos, mas também desafia a noção de autoria, de originalidade, de estilo. Quando um baralho de tarô é criado com IA, por exemplo, estamos lidando com algo híbrido: parte vem do humano, parte da máquina. Essa mistura pode ser vista como potência contudo também como ameaça por quem teme a perda de controle sobre os próprios símbolos. Como argumenta Moreschi (2021), mesmo no campo artístico, "as tecnologias imprimem um grande viés na interpretação" (p. 110).

A relação entre IA e linguagem é outro terreno sensível. Os modelos generativos, como o GPT, funcionam com base em texto. Eles aprendem a prever palavras, frases, estilos. Mas isso não

significa que eles compreendem o que estão dizendo. Eles operam por repetição, padrão, probabilidade. O sentido é uma consequência, não uma intenção. Isso muda completamente o lugar da linguagem: ela deixa de ser expressão subjetiva e vira produção estatística.

E ainda assim, essa produção toca. Porque a linguagem simbólica não precisa de intenção para ativar sentido. Quando uma IA escreve sobre uma carta de tarô, por exemplo, ela pode acionar camadas arquetípicas que existem no inconsciente coletivo. A imagem ressoa, o texto ativa algo, mesmo sem emoção por trás. Isso mostra que o símbolo é maior do que quem o fala. Mas também mostra a importância de acompanhar essa produção com consciência crítica.

Há também o risco da homogeneização. Como os modelos são treinados com grandes volumes de dados, eles tendem a reproduzir padrões dominantes. Isso pode apagar vozes marginais, estilos experimentais, linguagens periféricas. A IA pode nivelar tudo por um senso médio de "naturalidade", "coerência" ou "beleza". Isso empobrece a diversidade simbólica. É preciso lutar por modelos mais plurais, que reconheçam e incluam a diferença como valor.

A questão do consentimento é outro nó difícil. Muitas vezes, os dados usados para treinar IAs foram coletados sem autorização dos autores originais. Isso levanta questões sobre direitos autorais, propriedade intelectual e justiça digital. Se um texto meu é usado para ensinar uma máquina a escrever, não deveria eu ser reconhecida por isso? Essa discussão ainda está em aberto, porém já exige posicionamento ético.

Na prática do tarô, isso se torna ainda mais delicado. Se a IA é treinada com significados de cartas, interpretações e reflexões escritas por estudiosos e praticantes, onde fica o nome dessas pessoas? Quem são as vozes que formam esse "repertório simbólico" automatizado? E quais vozes ficaram de fora? A curadoria dos dados é também uma escolha política. O que se ensina à IA molda o que ela pode dizer.

Outro problema é o da dependência. Quanto mais usamos IA para facilitar nossas tarefas, mais nos tornamos dependentes dela. Isso não seria um problema se estivéssemos conscientes do processo. Mas, muitas vezes, usamos sem refletir, sem entender, sem questionar. Automatizamos nossas decisões, terceirizamos nosso olhar, entregamos o mistério a um sistema. Isso pode nos afastar da escuta interna, do silêncio, da pausa.

Nesse sentido, é urgente criar espaços de desaceleração. Usar a IA não como substituto da experiência, mas como ferramenta que amplia, provoca, tensiona. A plataforma proposta neste

projeto busca exatamente isso: um uso consciente, simbólico e ético da IA. Um uso que respeita o tarô, que reconhece os limites da máquina e que convida o humano a continuar presente, ativo, criador.

É também importante reconhecer que nem todo uso de IA é ruim ou perigoso. Quando bem aplicado, ela pode democratizar saberes, ampliar o acesso, facilitar processos criativos. Pode incluir pessoas que antes estavam à margem, abrir novas formas de expressão, gerar autonomia. Como afirma o texto de Rodrigues Jr. et al. (2021), "há um novo paradigma de produção e disseminação de conhecimento que está se estabelecendo com uso de Inteligência Artificial" (p. 149).

O problema não é a tecnologia, é o modo como ela é pensada, usada e controlada. É isso que precisa ser discutido. O risco maior é o de perdermos a dimensão simbólica da experiência. Quando tudo vira dado, quando tudo é processado, quando tudo pode ser previsto, o que sobra de mistério? A IA, por sua natureza, tende a querer dar respostas. Mas o tarô, por sua essência, trabalha com perguntas. A tensão entre essas duas forças precisa ser mantida viva. Porque é ela que sustenta o campo simbólico.

Outro ponto delicado é o da confiança. Muitas pessoas acreditam no que a IA diz como se fosse verdade absoluta. Mas ela pode errar, pode distorcer, pode reproduzir preconceitos. É necessário cultivar uma escuta crítica, mesmo quando a resposta é bonita. A IA não tem intenção, porém pode ter efeito. E esse efeito precisa ser analisado com cuidado, especialmente em práticas simbólicas.

A IA também desafia nossa ideia de autenticidade. O que é uma criação "autêntica"? Precisa ser feita "à mão"? Precisa vir "de dentro"? Se algo me toca, mesmo vindo de uma máquina, isso invalida o sentido? Essas perguntas não têm resposta simples, mas precisam ser feitas. Porque nos ajudam a pensar o lugar do afeto, da autoria e da presença na era digital.

É fundamental pensar em formas de regulação, mas também em formas de consciência. A IA precisa ser discutida não só por técnicos, mas por filósofos, artistas, educadores, terapeutas, espiritualistas. Precisamos de múltiplos olhares para entender os múltiplos efeitos dessa tecnologia. E, sobretudo, precisamos lembrar que ela é uma invenção humana e como tal, pode ser reimaginada.

No contexto deste TCC, a IA entra como provocadora. Ela não resolve, não responde, não substitui. Ela propõe. Ela reorganiza. Ela desafia o modo como nos relacionamos com símbolos,

com a tecnologia, com imagens, com nós mesmos. Ao colocar uma máquina para conduzir uma leitura de tarô, não buscamos precisão, buscamos tensão. Um lugar onde o inesperado possa emergir mesmo no artificial. É uma tentativa de pensar o tarô como linguagem viva, em movimento. E de pensar a IA como um espelho estranho, que reorganiza o simbólico a partir de outros códigos. Essa mistura é desconfortável, mas fértil. Porque onde há desconforto, há possibilidade. E é nesse lugar que este projeto quer habitar – possibilidade.

1.3 BENEFÍCIOS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Apesar das tensões éticas que rondam o uso da inteligência artificial, seu potencial criativo e acessível pode, quando bem direcionado, abrir novos caminhos para o cuidado de si, a autonomia e a expressão. Em vez de substituir o mistério, a IA pode nos ajudar a criar formas novas de acessá-lo, organizando dados, devolvendo perguntas, facilitando jornadas pessoais. Como aponta Vaitiekunas (2025), mais importante do que o que a IA pode fazer, é pensar com que intenção e sensibilidade ela é utilizada.

A IA torna o acesso ao tarô e ao autoconhecimento mais democrático. Ela reduz barreiras de entrada, traduz conteúdos complexos, apresenta diferentes interpretações com base no repertório de quem pergunta. Essa possibilidade de mediação personalizada é uma das potências da IA generativa, capaz de reorganizar a experiência conforme o momento de cada pessoa (VAITIEKUNAS, 2024, p. 46). Em vez de impor verdades, ela sugere caminhos. E isso, por si só, já empodera.

Na criação, seu impacto também é significativo. Ferramentas de IA permitem que qualquer pessoa crie imagens, textos, símbolos, inclusive seus próprios baralhos de tarô. Como afirmam Hessel e Lemes (2023), isso amplia a liberdade criativa e descentraliza a autoria. Criar o próprio baralho é mais que gerar imagens: é construir narrativas pessoais, nomear o que antes não tinha forma, escrever a própria mitologia visual com apoio da tecnologia. No campo do aprendizado, a IA atua como uma curadora. Ela organiza conteúdos, sugere leituras, estimula associações, sem engessar a jornada. Para Vaitiekunas (2025), essa abordagem crítica, aberta e sensível ao processo do outro pode transformar o ensino e o design de forma ética e afetiva. Além disso, como aponta a UNESCO (2023), seu uso pode tornar o conhecimento mais acessível a públicos diversos, incluindo pessoas com deficiência ou barreiras educacionais.

Para encerrar, quando bem aplicada, a IA se retira do centro. Ela silencia para que o sujeito escute a si. Nesse sentido, seu uso mais bonito talvez seja justamente esse: quando ela não protagoniza, mas sustenta. Quando ela não responde, mas nos ajuda a fazer melhores perguntas (VAITIEKUNAS, 2025, p. 118).

2. TARÔ

2.1 CONTEXTUALIZANDO O TARÔ

Para que possamos avançar na análise do projeto, é necessário retomar alguns conceitos simples, porém fundamentais: o que é o tarô, para que ele serve, onde surgiu. Segundo Rachel Pollack, "a ideia de que um grande segredo antigo estaria escondido em um jogo popular de cartas cativou a imaginação das pessoas desde o século XVIII" (POLLACK, 2023, p. 47). Essa crença é central para compreendermos como o tarô atravessa tempos e culturas, sendo interpretado ora como instrumento de jogo, ora como ferramenta espiritual e simbólica.

O tarô é uma linguagem visual e simbólica que atravessa séculos, culturas e interpretações. Ao longo do tempo, ele foi usado de formas diferentes: como jogo, ferramenta de adivinhação, prática espiritual, objeto de arte e até método terapêutico. Não há uma única origem exata para o tarô, mas sabe-se que ele surge na Europa do século XV, possivelmente ligado aos baralhos de jogo conhecidos como cartas de triunfo. Esses baralhos, com estrutura parecida aos que conhecemos hoje, eram compostos por cartas numeradas e figuras arquetípicas que formavam os chamados arcanos maiores. Rachel Pollack lembra que, embora hoje o tarô seja majoritariamente associado à espiritualidade e ao esoterismo, durante muito tempo ele foi apenas um jogo, ainda popular em algumas regiões da Europa (POLLACK, 2023, p. 45).

Com o tempo, o tarô foi sendo apropriado por correntes místicas e esotéricas, especialmente a partir do século XVIII, quando começou a ser usado como oráculo. Autores como Antoine Court de Gébelin e Eliphas Lévi foram responsáveis por conectar o tarô a saberes simbólicos e ocultistas, estabelecendo relações entre as cartas e outras tradições como a astrologia, a cabala e a alquimia. Pollack explica que a crença em um "grande segredo antigo escondido em um singelo e popular jogo de cartas" foi o que cativou gerações, consolidando um mito central do tarô como portador de sabedoria oculta (POLLACK, 2023, p. 47).

Sua estrutura clássica é composta por 78 cartas, divididas em dois grupos principais: os 22 arcanos maiores presentes na Figura 1, e os 56 arcanos menores, Figura 2. Os arcanos maiores representam grandes arquétipos, forças universais que atravessam a existência humana, como o Louco, a Morte, a Estrela, a Sacerdotisa. Já os arcanos menores abordam temas mais cotidianos, organizados em quatro naipes (copas, ouros, espadas e paus) que refletem diferentes aspectos da vida: emoções, matéria, pensamento e ação. Pollack reforça que essas figuras e símbolos ressoam profundamente porque foram "concebidos como ligações alegóricas", o que lhes confere camadas de sentido múltiplas e duradouras (POLLACK, 2023, p. 46–48).



Figura 1 – Todos os arcanos maiores do baralho de Rider Waite-Smith.



Figura 2 – Todos os arcanos menores do baralho de Rider Waite-Smith

Mais do que um conjunto de significados fixos, o tarô opera como uma linguagem simbólica aberta. Cada carta pode ser interpretada de forma diferente a depender da pergunta, do contexto, da posição na tiragem e da sensibilidade de quem lê. Isso faz do tarô uma ferramenta

profundamente flexível e adaptável, capaz de acompanhar transformações individuais e coletivas. Sua riqueza está justamente nessa abertura: ele não impõe respostas, mas oferece imagens para que cada um construa seus próprios sentidos. Como afirma Pollack, “as cartas de tarô funcionam de modo tão poderoso em nossa consciência justamente porque suas imagens carregam séculos de informações simbólicas e porque são imagens, o que nos permite responder a elas em um nível não racional” (POLLACK, 2023, p. 49).

A função do tarô, então, não se limita à adivinhação. Ele também é utilizado como ferramenta de reflexão, como espelho do subconsciente, como forma de organizar pensamentos e emoções. Muitas pessoas usam o tarô como prática de autoconhecimento, autocuidado ou mesmo como uma forma de meditação. Pollack observa que o tarô pode ser lido como um “momento da vida de alguém, histórias ou sonhos”, revelando sentidos internos que não estão acessíveis por meios racionais (POLLACK, 2023, p. 37).

Em outros casos, ele é um dispositivo narrativo, uma maneira de contar histórias, abrir diálogos ou criar conexões profundas entre quem lê e quem escuta.

No contexto deste projeto, o tarô é compreendido como uma linguagem arquetípica que pode ser traduzida, mediada e expandida por tecnologias contemporâneas, como a inteligência artificial. A proposta não é automatizar a leitura, mas criar pontes entre tradição e inovação. O tarô continua sendo o que sempre foi: um mapa simbólico. Mas agora, ele pode ser acessado de novas formas, mais acessíveis, mais digitais, e ainda assim profundamente humanas.

2.2 DESAFIOS DO TARÔ

O tarô é uma prática potente, mas historicamente atravessada por tabus que limitam seu entendimento e sua circulação. No senso comum, ele ainda é visto como prática mística duvidosa, jogo de adivinhação barato ou ferramenta de charlatanismo. Essas percepções distorcidas reduzem a complexidade do tarô e dificultam sua apropriação como ferramenta de reflexão, cuidado e autoconhecimento, especialmente quando essa linguagem se cruza com tecnologias contemporâneas como a inteligência artificial.

Um dos principais estigmas é a crença de que o tarô prevê o futuro de forma objetiva. Essa visão engessada cria expectativas mágicas e desresponsabiliza o sujeito diante de suas escolhas. Rachel Pollack (2023) nos lembra que o tarô pode ser lido como narrativa simbólica, onde cada

carta representa uma cena da vida, um sonho, ou um movimento da alma, e não uma sentença definitiva. A leitura, assim, se transforma em encontro entre imagem e contexto, e não em destino fixado.

Outro tabu recorrente é o medo das chamadas “cartas negativas”. Arcanos como a Morte, o Diabo ou a Torre são com frequência interpretados como presságios de tragédia. Mas o tarô opera por símbolos, e símbolos são ambíguos por natureza. Pollack (2018) aponta que essas cartas falam de transformação, desejo, rupturas necessárias. O medo está menos nas imagens e mais nas projeções culturais que carregamos sobre elas.

Também há o tabu religioso. O tarô é frequentemente marginalizado por discursos que o associam ao ocultismo proibido ou à bruxaria. No entanto, como lembra Pollack (2023), a palavra “oculto” significa apenas “o que está escondido”, e o esotérico diz respeito a níveis mais profundos de percepção. Ao longo dos séculos, essa linguagem foi apropriada por diferentes tradições filosóficas e espirituais, sem jamais pertencer exclusivamente a nenhuma delas.

Esse silenciamento sutil, atravessa tanto os espaços sociais quanto as práticas internas da comunidade do tarô. Muitas pessoas ainda escondem que leem cartas por medo de julgamento, enquanto outras se veem pressionadas a seguir regras fixas sobre o que é uma leitura “correta”. Pollack (2023) defende o tarô como uma linguagem viva, cuja interpretação pode emergir da psicologia, da mitologia ou da escuta sensível. O que importa não é seguir fórmulas, mas ativar sentidos.

Com a proposta deste projeto, que une IA e tarô, novos tabus emergem. Muitos questionam a legitimidade de uma máquina operar em um campo simbólico tão humano. Mas a IA aqui não pretende substituir a sensibilidade, e sim ampliar a experiência. Ao oferecer imagens, hipóteses e palavras, a tecnologia atua como uma mediadora que reorganiza símbolos, uma ferramenta de apoio à interpretação, não um oráculo automatizado.

Rachel Pollack (2023) nos ensina que as imagens do tarô funcionam porque dialogam com níveis não racionais da consciência. Elas nos tocam por dentro, despertam intuições, ressoam com histórias que ainda não sabemos contar. Ao desmistificar tanto o tarô quanto a IA, o projeto propõe uma reconfiguração dos símbolos, dos acessos e dos modos de escuta. Em vez de reforçar os estereótipos como o da “bruxa”, da “charlatã”, da “máquina fria”, ele busca abrir espaço para a

complexidade. Democratizar o tarô com o auxílio de tecnologias não é diluir seu mistério, mas torná-lo mais habitável, acessível e compartilhável.

2.3 BENEFÍCIOS E BEM-ESTAR ATRAVÉS DO TARÔ

Mais do que um conjunto de cartas, o tarô é uma ferramenta de pausa, reflexão e reconexão com o que realmente importa. Ao tirar uma carta, algo muda: diminuímos o ritmo, voltamos o olhar para dentro e criamos espaço para escutar o que estamos sentindo. Esse gesto simples tem efeitos reais sobre o bem-estar mental e emocional.

O tarô pode ser um aliado no cuidado da saúde, sobretudo quando usado junto a terapias ou práticas criativas. Ele não traz respostas prontas, mas ajuda a organizar pensamentos, reconhecer padrões, entender ciclos. Como escreve Rachel Pollack (2021, p. 61), "uma carta revela aquilo que já estava presente, mas ainda sem forma". E nomear aquilo que se sente é o primeiro passo para cuidar. As cartas maiores nos lembram dos grandes temas da vida, nascimento, morte, escolhas, desafios, amadurecimento e fazem com que a gente se sinta menos só nos nossos processos. Já as cartas do cotidiano nos ajudam a prestar atenção ao corpo, ao tempo, aos detalhes do dia a dia. Tudo isso apoia uma vida mais presente e equilibrada.

O tarô também favorece a autonomia. Em vez de impor verdades, ele faz perguntas. Em vez de ditar caminhos, ele amplia o olhar. Isso fortalece a escuta de si, a confiança nas próprias percepções, a capacidade de tomar decisões com mais clareza (PLACE, 2016, p. 244).

Espiritualmente, o tarô não exige intermediários. Ele pode ser usado por qualquer pessoa, em qualquer momento da vida. Uma leitura na lua nova, um jogo no aniversário, um fechamento de ciclo, esses pequenos rituais ajudam a marcar o tempo interno, a criar momentos de presença e cuidado pessoal (PLACE, 2016, p. 291). Por fim, o tarô não traz promessas. Ele não prevê o que vai acontecer. Mas tem o poder de nos ajudar a entender melhor onde estamos, o que sentimos e o que pode ser feito. E isso, muitas vezes, é o que mais precisamos.

3. PLATAFORMA SUN.IA

Antes de começar a destrinchar o desenvolvimento do protótipo é relevante apontar alguns pontos dentro do processo de pré-criação. A jornada de construção visual de cada designer é bem específica e única, cada um vai caminhar e transitar por diversas maneiras e cenários. Se tratando

de um trabalho que vem para falar sobre temas singulares e distantes que se encontram em alguns pontos, um destes primordiais é a experiência, ela é a cola que une esses dois universos.

Ilustrando melhor, na área do tarô, o individuo pode vir a buscar por orientação de pessoas mais especializadas, como profissionais, para ter leituras com precisão e assertividade, de toda qualquer maneira, o mesmo pode procurar por fazer sozinho uma tiragem mais intimista colocando sua habilidade de interpretação e consequentemente sua intuição a prova, tanto para o resultado como para a sua técnica. Em contraponto, dentro do âmbito da IA, é de uso comum a experiencia ser mais individual, experimental e exploratória, aqui não veremos a intuição atuando como no tarô, porém colocaremos o senso crítico, a curiosidade e instigação a ativa. Podemos até procurar profissionais e pessoas que tenham um contexto mais de mais expertise, porém quando for feito seu uso será sempre de maneira própria e individual.

Como campo de estudo, a área de experiência levanta questões interessantes sobre como o usuário recebe informações, toma suas decisões, coloca em prática suas ações, quais são suas necessidades e muito mais (NIELSEN; NORMAN, 2016), mas esse é um outro universo particular que vamos apenas visitar para o entendimento do processo do protótipo.

Alguns dos preceitos utilizados dentro da área de experiência do usuário, foram de grande utilidade para construir o padrão que o site precisava, porém não pude deixar de renunciar algumas regras em nome da experimentação, sendo um protótipo com certos limites de liberdade e especulação.

Para chegar na versão atual foi preciso passar por muitos *wireframes*, rascunhos e *moodboards*, também foi aplicado um *benchmarking* para encontrar as principais funcionalidades e estruturas para montar a plataforma. A identidade visual foi guiada pelos significados principais e mais atuais das cartas do baralho Rider Waite-Smith; O SOL - sendo a inspiração central, Figura 1, a partir da abordagem de Rachel Pollack.

Quando o sol brilha, o mundo está feliz. Isso faz sentido, não faz? Você se sente melhor quando o sol reluz no céu de um dia claro? Em países desérticos, o sol pode trazer secura e até a morte. Mas no clima do norte, ele significa verão, colheitas e florescentes, prazer. E também clareza. Quando o materialista não demonstra esse conceito, ele se tornou parte dos significados modernos do sol e de outras coisas que aprendemos de nossas próprias vidas. Coloque luz sobre o

assunto, dizemos, e tudo ficará claro como o dia. O que parece estranho na luz tênue e reflexiva da lua torna-se simples e direto no sol. (POLLACK; 2023, p.271)



Figura 3 – Carta "O Sol" do taro de Rider Waite-Smith.

O uso do amarelo como transmissão de clareza, seguindo as cores utilizadas nas cartas tradicionais para montar uma paleta mais quente e aconchegante, trazendo conforto para quem utilizar a plataforma, além de reforçar a escolha do nome da plataforma "Sun.IA", junção de *Sun* – Sol em inglês – e IA, abreviação de Inteligência Artificial, Figura 3.

Uma peça fundamental para a identidade visual de um produto é sem dúvidas o logotipo da marca, a junção de todos os signos, significados e simbologias que queremos comunicar se moldam um elemento. Para o Sun.IA, fazia sentido trazer a estrela utilizada em produtos que contenham inteligência artificial, ela representa a magia que esse tipo de tecnologia reproduz, a princípio seria uma iconografia de sol, mas ele tinha representação suficiente. O *background,* da página é em *light mode* , então foi utilizado esse marrom que está dentro do espectro de cor amarela, já que utilizar amarelo em fundo claro, resultaria em problemas e dificuldades de legibilidade ao usuário.

Durante a pré-banca foi apresentada uma outra versão em que a tipografia era mais elaborada e carregava um estilo mais vintage para puxar a representação do tarô, porém foi orientado para seguir um caminho mais moderno, já que a plataforma traz uma proposta atual. Utilizar a MuseoModerno estilizando o “N” e o “I”, deu um toque inusitado, o “S” e o “N” fazem curvas em diferentes direções assim como a vida e cartas podem nos guiar em momentos excepcionais, Figura 4.



Figura 4 – Logotipo da plataforma Sun.IA.

3.1 CONSULTA



Figura 5 – Página de entrada da plataforma

A página de entrada contem conteúdo suficiente para o usuário conhecer e acessar a plataforma, Figura 5, ele pode seguir a trilha de conhecimento que passa por cada uma das 4 principais sessões da plataforma e por algumas informações extras, como citação, depoimentos e recomendações de visualização de alguns conteúdos gerados por usuários da plataforma, além de um espaço para dúvidas frequentes, com um *header* simples apenas com a logo da marca e um *footer* institucional, a pagina também conta com alguns elementos visuais como estrelas de 4 pontas, de uso comum quando vemos em outros produtos de IA, entretanto aqui ele vem textura e efeito metalizado simbolizando a matéria, o metal, o tangível, representando o que conseguimos acessar, concretizar e transformar. Por fim reforçando o uso das outras cartas, as únicas, que retratam corpos celestes; A Lua, A Estrela e O Mundo, em versões originais criadas para a identidade do site, Figura 6.



Figura 6 – Em ordem da esquerda para a direita as cartas criadas por Arthur Edward Waite e Pamela "Pixie" Colman Smith, para o baralho Rider Waite-Smith.

Extremamente fomentado e se multiplicando a cada dia, surgem diversos produtos com propostas distintas ou até semelhantes entre seus segmentos, trazendo soluções de inteligência artificial. É comum nesse tipo de cenário vermos uma ferramenta nova aparecendo o tempo todo, e todos tentando, no mínimo, entender como funciona e, para os reais interessados, se adaptar. Um dos fatores principais para a página de consultas da Sun.IA era ter familiaridade com as ferramentas

atuais mais populares, como o ChatGPT e o Copilot. Como uma plataforma que aborda o campo do tarô, uma hipótese é a possibilidade de grande parte do público usuário ser formado por iniciantes que estão aprendendo a utilizar o tarô. A intenção aqui foi trazer uma curva de aprendizagem menor, considerando que, segundo Nielsen Norman Group (2020), a facilidade de aprendizado de uma interface está diretamente ligada à eficiência de uso ao longo do tempo e à familiaridade com modelos mentais já consolidados.

Além disso, para Krug (2014), um dos princípios fundamentais de uma boa experiência de uso é que o usuário "não precise pensar", ou seja, a interface deve ser autoexplicativa, intuitiva e previsível. Isso é especialmente importante em contextos em que o público pode estar em contato inicial com a tecnologia ou com o conteúdo, como é o caso do tarô digital. Já Bastien e Scapin (1993), ao proporem critérios ergonômicos para avaliação de interfaces, reforçam que a "aprendizagem" é um dos elementos centrais para garantir usabilidade, sendo essencial reduzir o esforço cognitivo necessário para a execução de tarefas simples.

Para a construção de *layout* da página, Figura 7, foi fundamental estruturar uma hierarquia visual que fosse replicada as outras sessões da plataforma, um *header* para orientar o usuário aos espaços que ele pode percorrer, uma das versões de logo da marca Sun.IA, e uma iconografia de perfil. No corpo do site foi utilizado dois pesos, o primeiro, na esquerda, uma *sidebar*, contendo alguns componentes e funcionalidades gerais como a opção de intercalar entre os resultados feito pela categoria de "leituras"; que são as tiragens de cartas e previsibilidades que o usuário comanda através de prompts. E no modo estudo, são buscas realizadas para conteúdo de aprendizado, como por exemplo; qual o significado da carta o sol? qual baralho posso começar a usar? Como ler as tiragens de passado, presente e futuro? Além de ter um botão para criar consultas novas, um histórico datado com os resultados dessas gerações, e funcionalidades mais básicas como ocultar a *sidebar* e configurações.

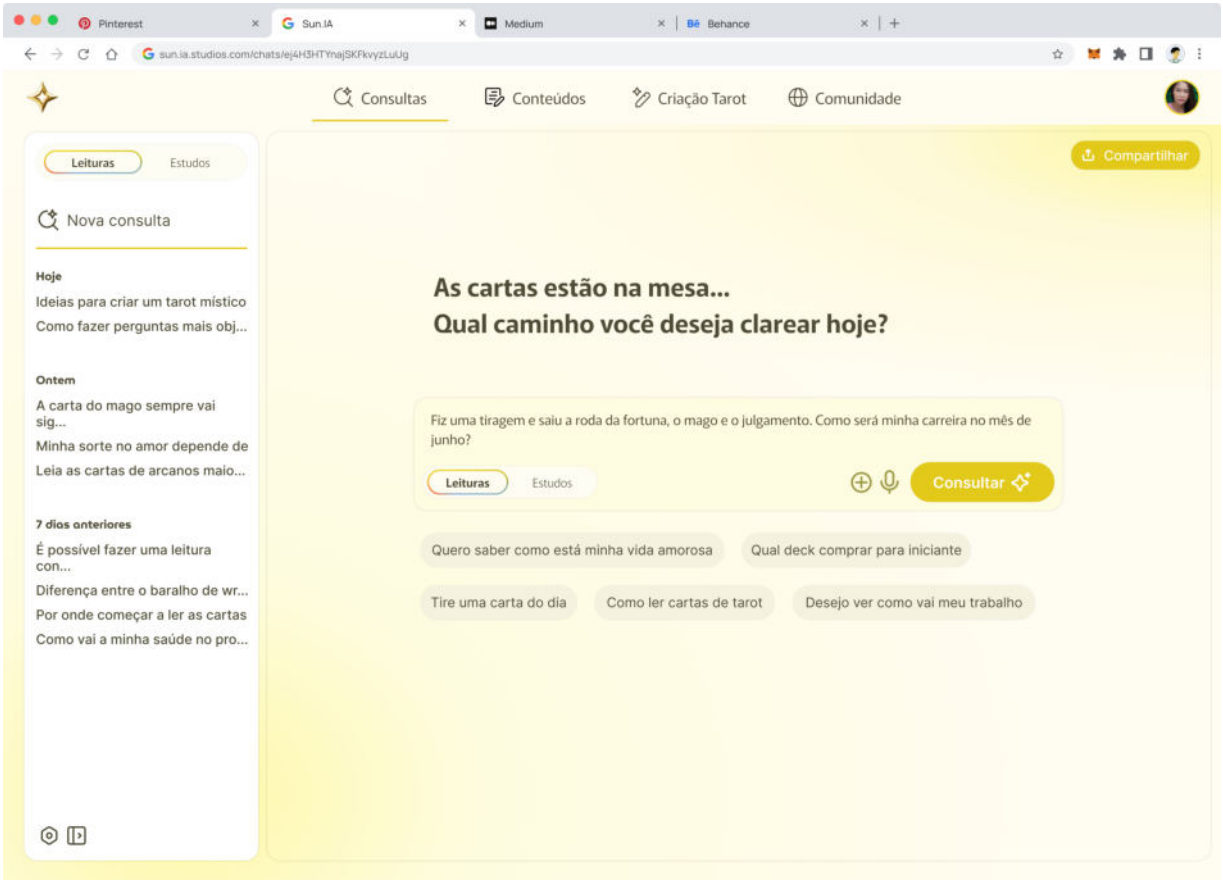


Figura 7 – Página de Consultas da plataforma Sun.IA.

O segundo, o espaço de geração, aqui onde é feita comunicação direta, entre o humano e máquina, com um título para instigar o usuário a usar a ferramenta e utilizando texto mais descontraído para gerar mais proximidade e conexão com o usuário, logo abaixo se apresenta a caixa de prompts, onde o individuo vai escrever e buscar suas questões, aqui ele pode escolher o modo de busca que deseja como dito anteriormente, além disso ele pode adicionar conteúdos e materiais como, imagens, arquivos e link, além de conseguir ditar sua busca, ao clicar no botão de consultar começa o processamento de dados e resultados. Abaixo tem algumas recomendações e sugestões que o usuário pode utilizar ou até se adiantar caso desejasse previamente pesquisar por essas indicações.

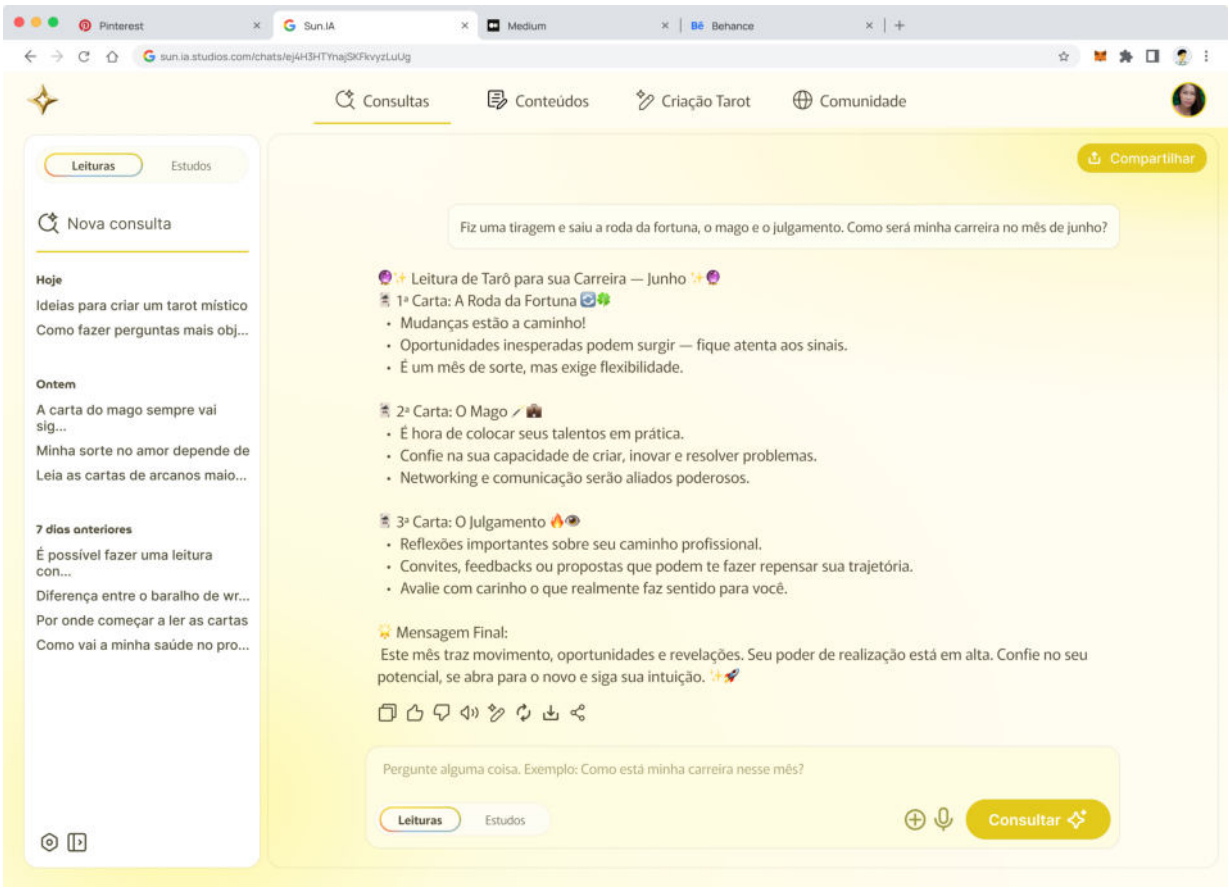


Figura 8 – Resultado da busca gerada na página de consultas

Representado na Figura 8, a solução é uma formatação semelhante ao um chat de conversação onde o individuo 1, conversa, se comunica, pergunta, instiga, e obtém uma mensagem, uma resposta, uma informação do individuo 2, entretanto aqui é o ser humano, como crítico, curioso, pesquisador, que traz os insights de dúvida e busca por resposta, a inteligência artificial ocupa uma posição de mensageiro, ele apenas traz o que foi pedido, a partir do que é alimentado e recebido no seu banco de dados, ele não cria nada do zero. Da mesma maneira, que pode ser inserido diferentes formatos de conteúdo para gerar uma consulta, o resultado também pode vir em formatações variadas, ao pedir uma tiragem de 3 cartas pode vir a imagem com as 3 cartas, acompanhado do texto contextualizando-as, pode ser gerado áudio de resumo da consulta como uma conversa com o tarólogo e muitos mais configurações, como na Figura 9. Ademais, todos eles

são acompanhados de funcionalidades básicas, como cópia, *like* ou *dislike*, áudio reprodutor, recarregar o que foi gerado, baixar e compartilhar.

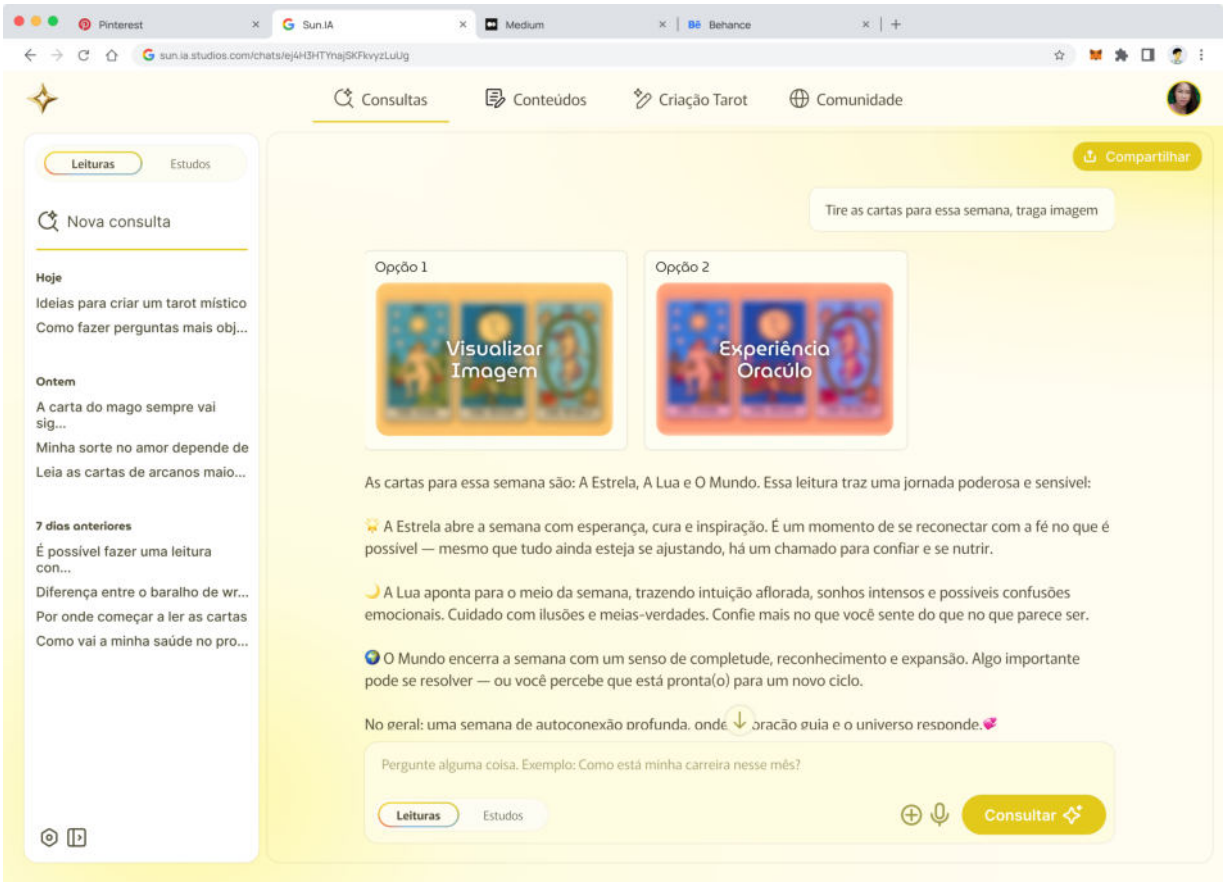


Figura 9 – Resultado com diferentes possibilidades de seleção de conteúdo.

3.2 CONTEUDOS

A experiência para a página de conteúdos não se distanciou muito no quesito de construção de arquitetura da informação, quando penso em conteúdos, logo me vem a cabeça textos, e mais textos, sejam artigos, materiais, livros, tudo isso faz parte dos estudos, e para estudar o taro, não poderia ser diferente. No entanto, existem 3 pilares principais para ministrar os conhecimentos da área toda do taro, as cartas; elas são o maior e mais complexo ponto de aprofundamento, de acordo com Rachel Pollack (2023) é possível ficar um dia inteiro apenas analisando, destrinchando os significados, simbologias e interpretações para uma única carta.

“Intensivos de Tarot”. Nesses encontros, passávamos uma manhã ou uma tarde olhando apenas uma ou duas cartas e testando uma gama de diferentes abordagens. Desde a comparação

entre baralhos, passando por uma avaliação de como os significados históricos das cartas evoluíram ao longo dos últimos dois séculos, até chegarmos a leituras focadas nas ideias centrais de uma única carta.

Uma das coisas especiais que fizemos nesses intensivos foi voltar no tempo para ver o que os primeiros cartomantes, pessoas que fazem leitura com cartas, entenderam e falaram sobre o significado de cada arcano." (POLLACK, 2023, p.16).

Os baralhos, a cada dia que passa ganham novas versões e significados, vão se atualizando à medida que adquirimos mais conhecimento e desenvolvemos a jornada da humanidade e toda a bagagem de história milenar que o acompanha e convida a acompanhar a evolução da vida humana. Por fim, a metodologia da leitura, formas de ler diferentes cartas em diferentes conjuntos imerso em diferentes contextos, uma carta invertida pode ter seu significado modificado e representar seu antônimo, tiragens em configurações específicas podem ler passado, presente e futuro, e em outras, podem ler situações, envolvimentos e questões cotidianas.

Assim como o sol é a estrela central do nosso sistema solar, a página de consulta também é esse centro, a partir dela que as outras páginas seguirão dentro desse sistema digital. A sessão de leitura foi inspirada na carta da lua, Figura 10, segundo Pollack "De forma positiva, podemos ver a Lua como sonhos, intuição e desenvolvimento mediúnico. Ela também pode significar sutileza e sensibilidade. Devemos invocar essas qualidades em qualquer leitura, mas sobretudo quando a Lua aparece" (2023, p.263). Aqui ela nos lembra de como a lua vai significar profundidade, senso crítico e intuição quando estamos buscando conhecimento, precisamos nos questionar, ir em busca da verdade. Na identidade visual ela veio representada pela cor azul, com sua sobriedade, frieza e cautela, Figura 11.

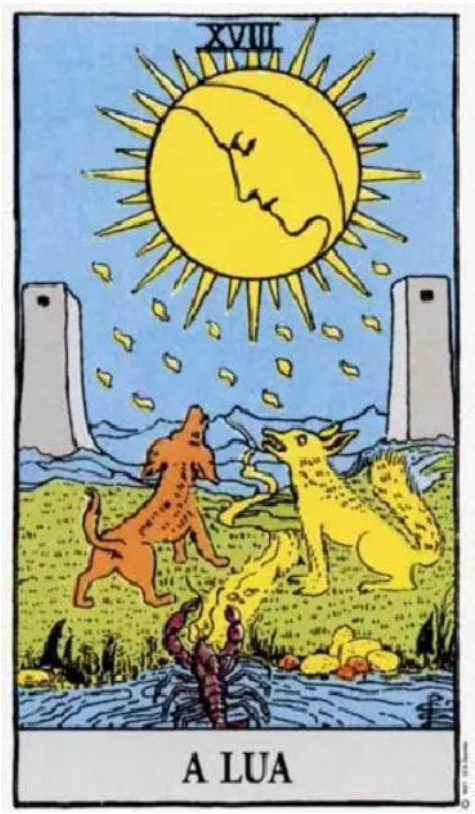


Figura 10 – A Carta "A Lua" do baralho de taro de Rider Waite-Smith.

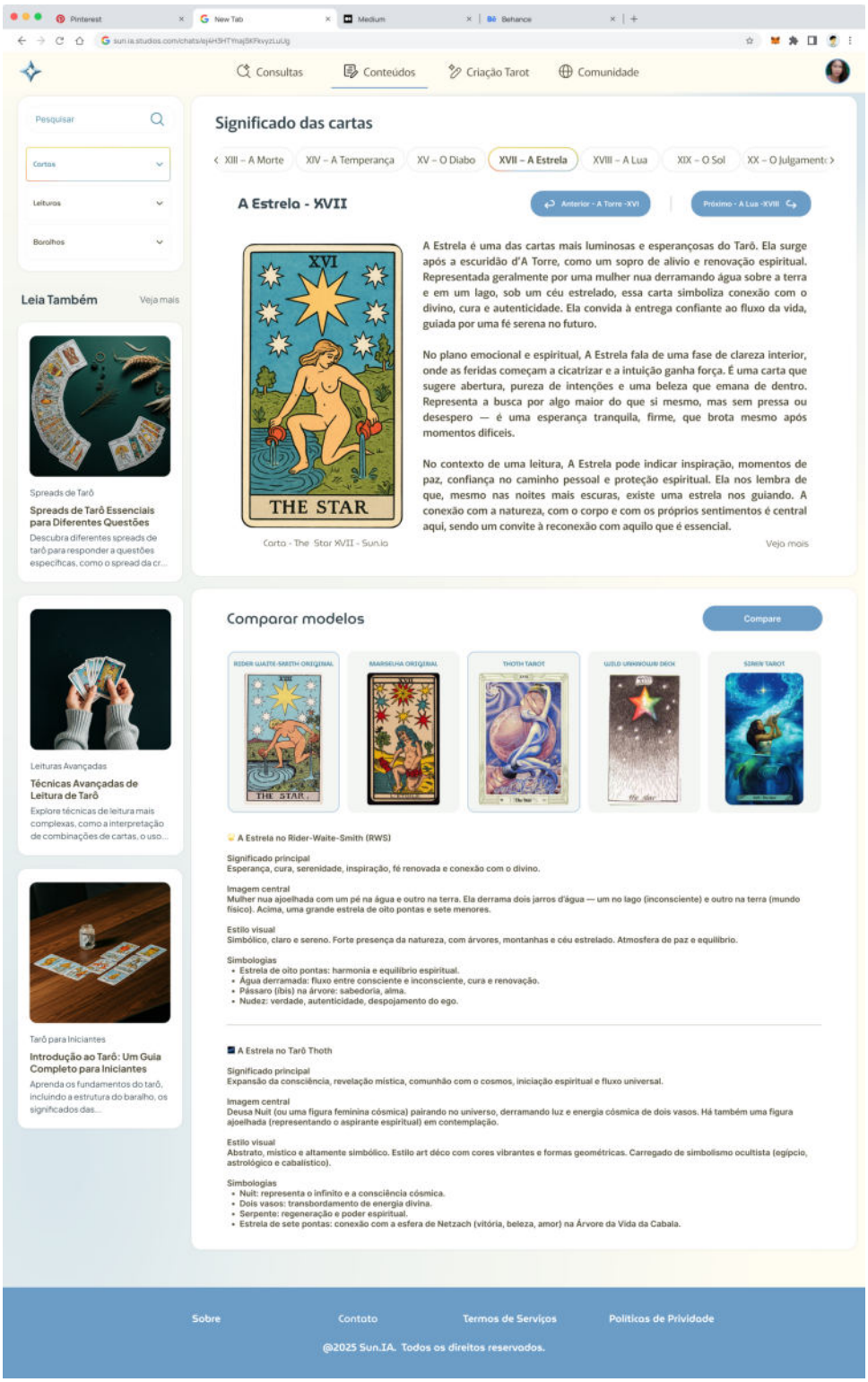


Figura 11 – Página de Conteúdo da Plataforma Sun.IA – Sessão das Cartas.

Retomando a análise sobre a experiência, foi mantida a *sidebar*, agora com a proposta de organizar os tópicos principais abordados nos estudos oraculares, podendo também fazer buscas e encontrar materiais específicos. Logo abaixo, um espaço de recomendação de artigos sobre a temática e redirecionamento para pesquisas mais completas. Os outros dois nichos essenciais trazem a categorização para duas análises fundamentais dentro do tópico das cartas, o estudo dos significados das cartas, onde o usuário vai poder ler conteúdo sobre e o outro um comparativo de versões da mesma carta em diferentes decks, por mais que tenhamos essências parecidas muitas vezes de um baralho para o outro, um pode ter uma inclinação de interpretação mais opositora a outra.

O espaço das leituras, traz uma dinâmica diferente, por se tratar de um contexto do taro onde o aprendizado é mais prático, terão espaços de cursos, aulas e exercícios para leituras e tiragens. Encerrando essa sessão teremos o espaço do baralho, onde é possível aprofundar na história e evolução do taro e entender outros tipos de baralhos, Figura 12 e Figura 13.

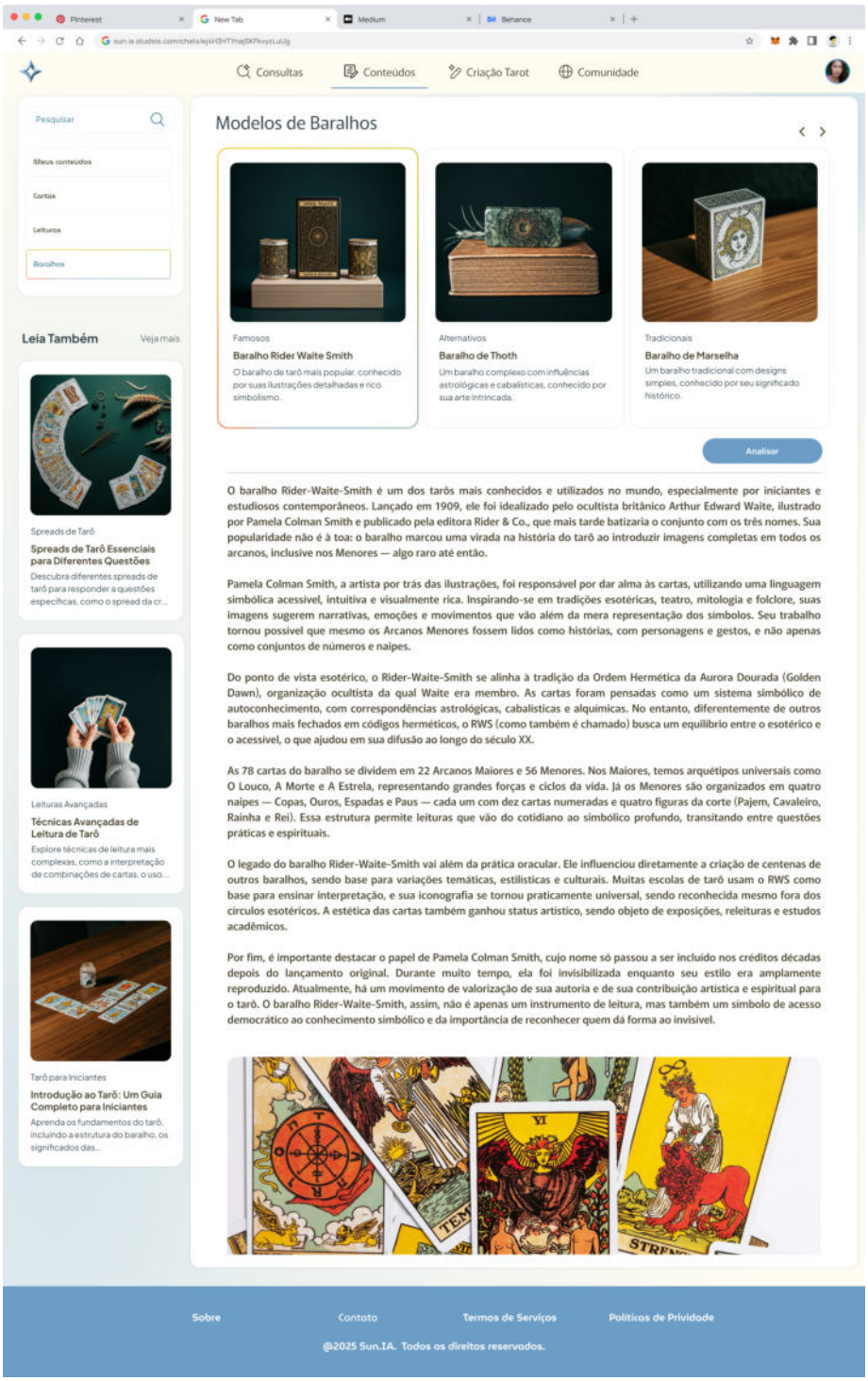


Figura 12 – Página de Conteúdo da Plataforma Sun.IA – Sessão dos Baralhos.

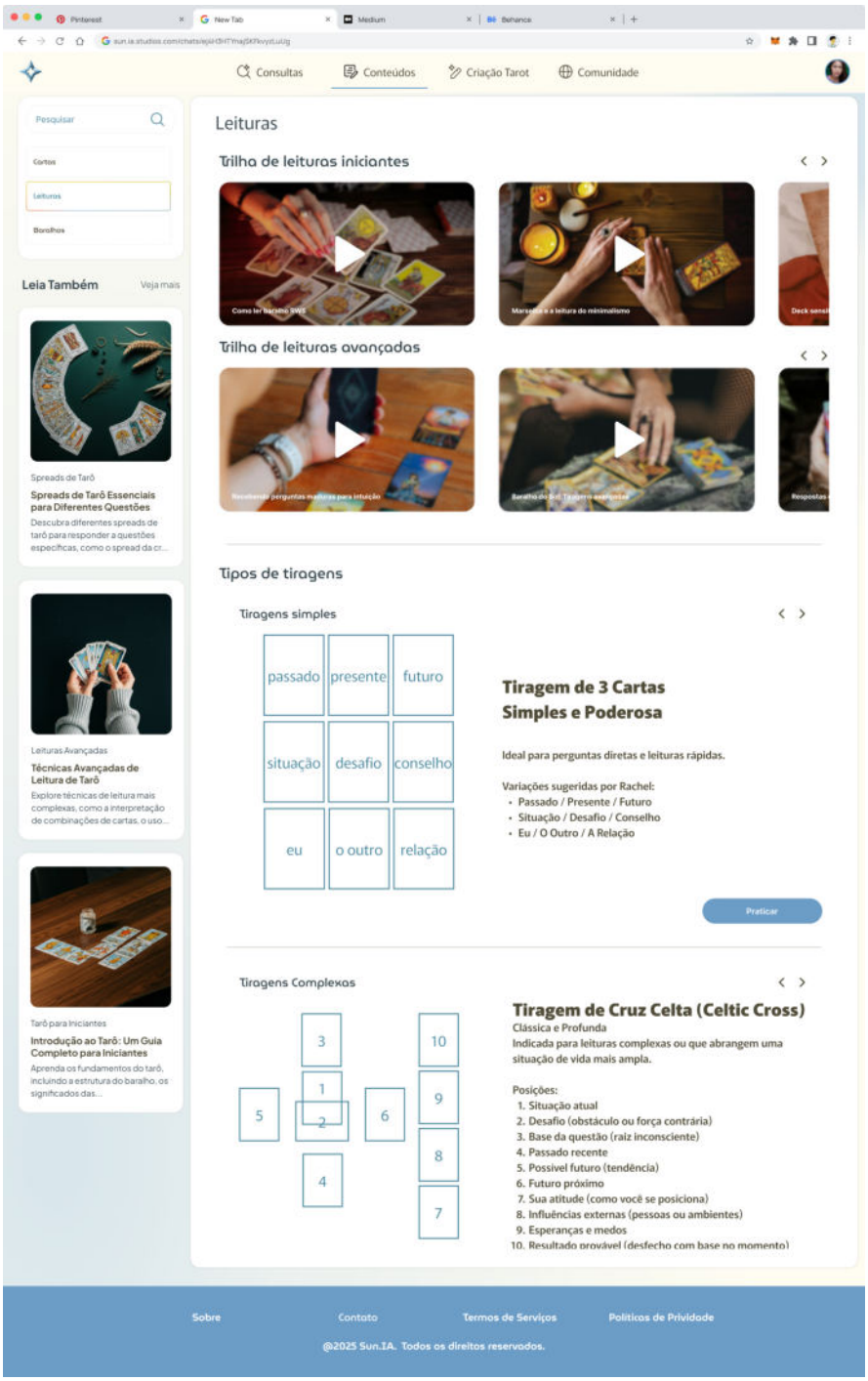


Figura 13 – Página de Conteúdo da Plataforma Sun.IA – Sessão das Leituras.

3.3 CRIAÇAO

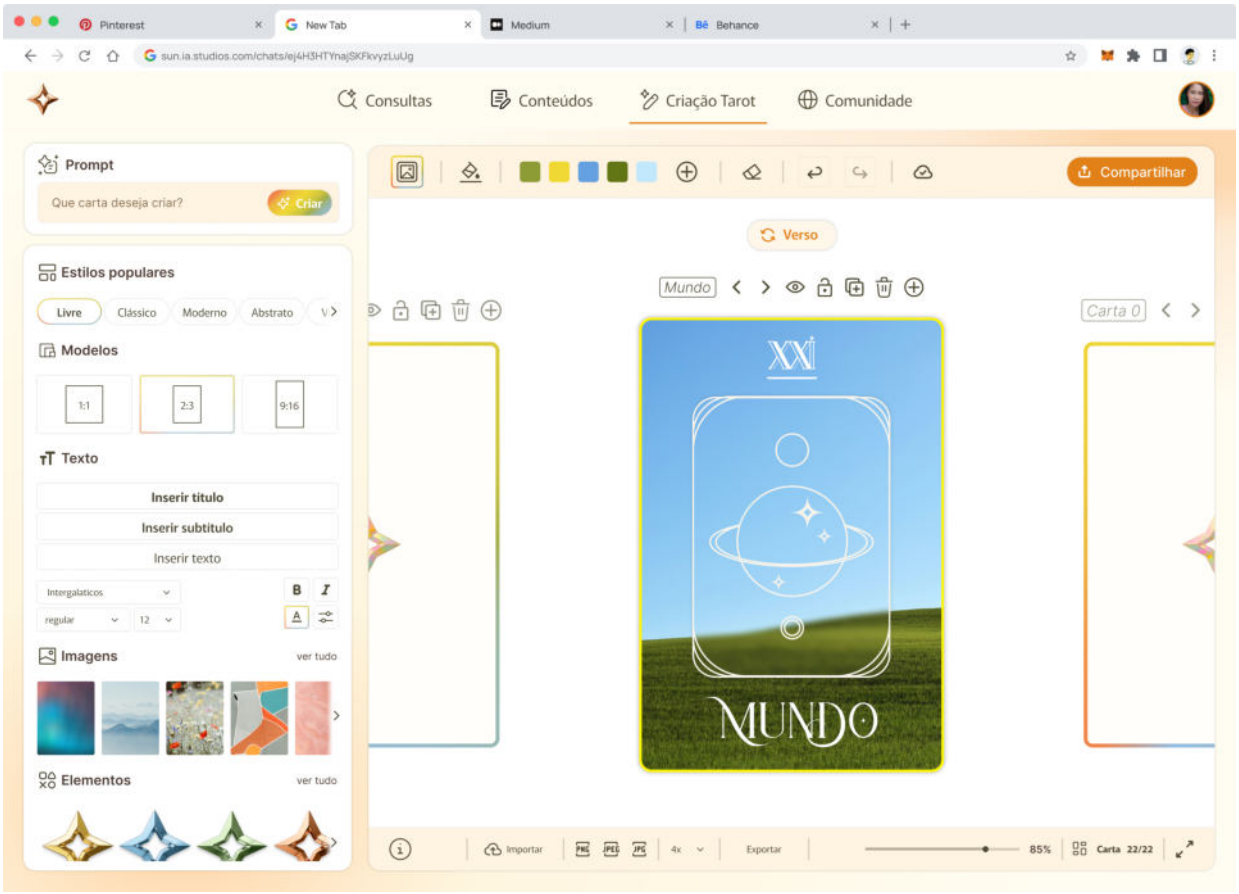


Figura 14 – Página de criação das cartas e baralhos na plataforma Sun.IA.

Personalizar e customizar seu próprio baralho ou carta deve ser um dos maiores desejo de todos aqueles que mexem com o taro, uma atividade tão intimista e sensível podendo ter a sua essência, é no mínimo especial. Essa é a proposta da sessão de criação, proporcionando ao usuário diversas maneiras e ferramentas para montar seu deck, esse espaço conta com uma barra de ferramentas para customizar detalhes, como estilo da carta caso queira algo mais moldado e pronto, modelos de tamanhos, inserção de títulos e textos, imagens, elementos gráficos, além de acompanhar acima uma barra de personalização através de prompts que iram gerar a carta da forma que desejar, na área de edição é possível também, adicionar quantas cartas quiser no seu baralho, funcionalidade e utilidades básicas, como por exemplo; importar arquivos, exportar, compartilhar,

redimensionar, duplicar a carta, passar por elas, bloquear a edição, copia a carta, excluir e adicionar, nas ferramentas de topo também é liberado adereçar as cartas com bordar, cores, preenchimentos, paletas, apagar detalhes, fazer e refazer, salvar e por fim editar o verso da carta, Figura 14.

Carregamos a identidade visual dessa parte com laranja devido ao seu significado, podendo transmitir criatividade, inovação, alegria e entusiasmo, na obra de Rachel Pollack ela diz “ela também pode significar uma atitude relaxada e aberta, de alegria e alívio às vezes essa sensação vem depois de uma explosão ou de uma experiência externa” (2023, p.253), por isso ela é representada pela carta da estrela, quando explodimos nossa criatividade, Figura 15.



Figura 15 – A carta do baralho de Rider Waite-Smith, “A Estrela”.

3.4 COMUNIDADE

Conexões, a sociedade é movida e se alimenta delas, é através dela que nos reconhecemos uns nos outros, é por ela que recebemos conforto, ela gera identificação e identidade. A satisfação

em conversar com alguém sobre um assunto ou tema apreciado e ir pouco a pouco atingindo picos de troca e compartilhamento. Numa plataforma que vai tratar de assuntos consideráveis de uma sensibilidade, não ter um espaço disponível para socialização seria no mínimo frustrante, pode falar sobre seus assuntos favoritos dentro de um espaço que o intuito é esse, não é apenas uma rede social é como um clube do livro que todos estão com o mesmo objetivo, de se aprofundar em relações humanas e ainda conversar sobre um tópico interessante.

A experiencia proposta para a comunidade é ser um ponto de encontro com tudo o que vimos nas outras sessões, consulta; na comunidade eu posso trocar com outros pessoas como foi a minha experiencia e aprender também com outras pessoas, conteúdo; é sempre interessante ouvir pessoas especializadas em assuntos, a comunidade pode ampliar essas vozes, criação; poder explorar e reconhecer outras formas de criação de baralho pela plataforma.

Nada mais coeso do que atribuir a carta do mundo para a comunidade, foi uma escolha não seguir literalmente a simbologia dessa carta em específico, mas atrelar o significado mais honesto de mundo, que é a humanidade, as pessoas, e a comunidade representam isso, Figura 16. O que posso reforçar aqui foi o aproveitamento do símbolo visual do aro na carta, utilizei a cor verde para representar o elo e a natureza da comunicação entre os indivíduos.



Figura 16 – "O Mundo" última carta do baralho de Rider Waite-Smith

A distribuição da hierarquia das informações na página da comunidade, foi pensada em nicho como a de conteúdo, temos uma sidebar, com o perfil do usuário que o redireciona para outra pagina com os seus conteúdos favoritos e criados pelo próprio usuário, ao lado uma timeline com postagens de outras pessoas na plataforma e o componente de preenchimento, abaixo espaço de recomendação de outros usuários e por fim uma área de exploração onde pode encontrar todos os baralhos e cartas criados pelos usuários, Figura 17. Assim encerrando todas as páginas da plataforma com representações e simbolismos especiais do universo do taro construído de uma forma simples e acessível para todos.

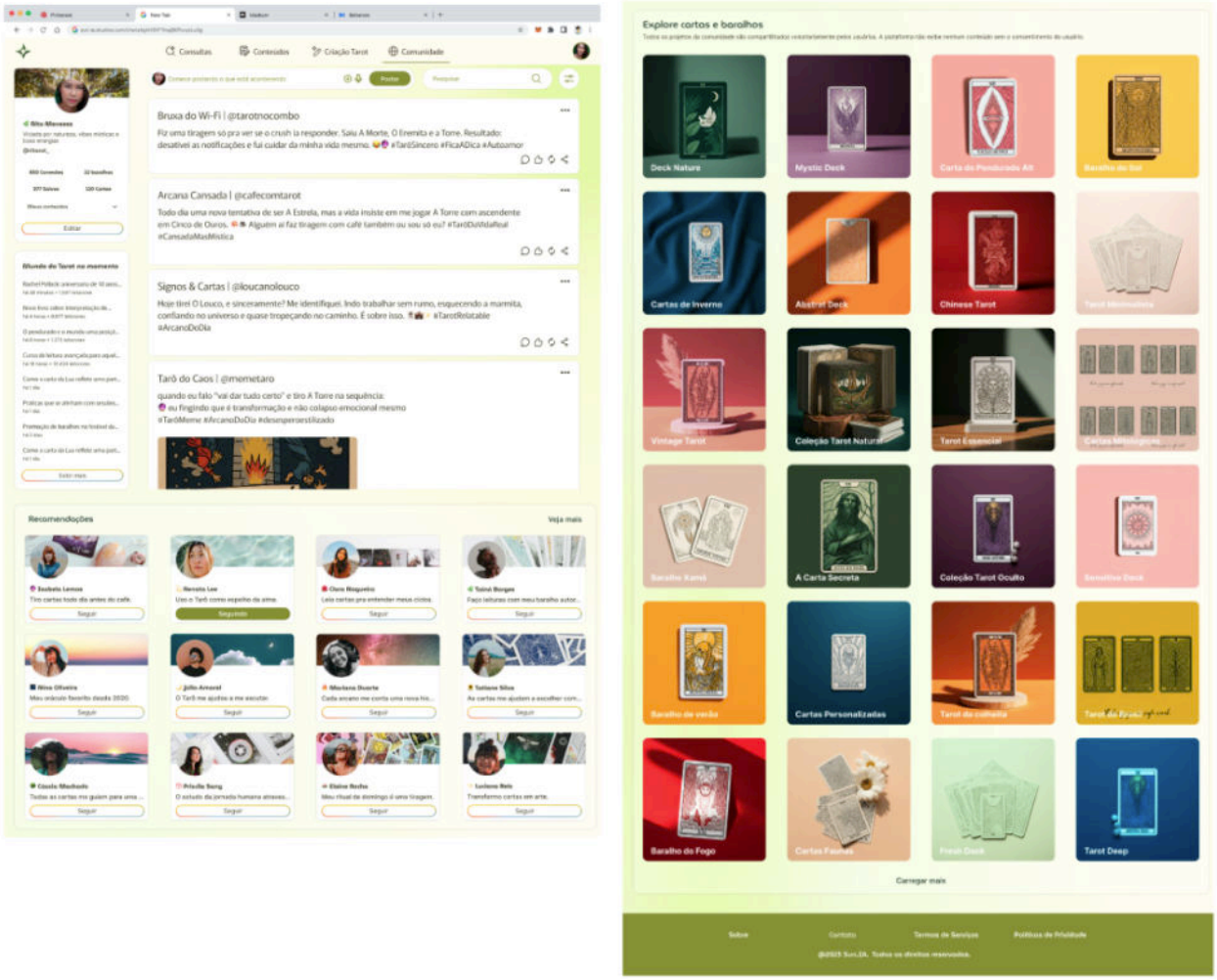


Figura 17 – Página da comunidade na plataforma Sun.IA.

CONSIDERAÇOES FINAIS

Este trabalho apresentou uma proposta de plataforma digital que une tarô e inteligência artificial como forma de explorar novos modos conhecimento, criação e conexão. Através de quatro ambientes - consulta, conteúdo, criação e comunidade, o projeto busca oferecer uma experiência completa e acessível da prática do tarô, sem renunciar à profundidade.

A inteligência artificial foi utilizada de maneira consciente ao longo de todo o processo, tanto na construção do protótipo quanto na escrita do próprio TCC. Atuando como ferramenta de apoio, a IA colaborou na organização de ideias, na geração de rascunhos e no estímulo criativo,

sem nunca substituir a curadoria, o olhar crítico e a autoria humana. Isso reforça o posicionamento ético do projeto: tecnologia a serviço da sensibilidade, e não o contrário.

Mais do que aproximar o tarô do digital, o objetivo aqui foi abrir um campo de diálogo entre tradição e tecnologia, intuição e algoritmo. O projeto não busca respostas prontas, mas caminhos e possibilidades. E, ao unir IA e tarô nesse entrelugar, aponta para um futuro possível onde a espiritualidade, a criatividade e o cuidado possam coexistir com as ferramentas do presente, sem perder a alma no processo.

Este projeto nasce do encontro entre o tarô e a inteligência artificial, não como uma combinação inusitada, mas como possibilidade de relação. A proposta não é apenas integrar IA como ferramenta funcional, mas instaurar um diálogo entre humano e máquina, entre intuição e cálculo, entre subjetividade e técnica. A IA, aqui, é parceira de processo, não uma oraculadora onisciente, mas uma colaboradora provocadora, um instrumento de invenção que respeita a escuta e a autoria.

Desde o início, a IA esteve presente como presença auxiliar, mas não substituta. Ela participou da escrita como extensão criativa: ajudou a ordenar ideias, encontrar caminhos, gerar rascunhos. Muitos textos foram cocriados entre minha voz e as sugestões automatizadas, mas nunca sem curadoria, crítica ou afeto. Esse processo configura o que Pizarro (2025) define como “autoria expandida”, em que o sujeito não abandona sua posição criativa diante das sugestões automatizadas, mas as incorpora como contraponto e refinamento.

No desenvolvimento do protótipo, a IA também contribuiu em tarefas como geração de textos para simular tiragens, descrições de cartas e até imagens de baralhos. No entanto, nada foi usado sem avaliação estética e coerência simbólica. Como destaca Pizarro (2024), é necessário que os designers reconheçam a sua responsabilidade ética no uso da IA, especialmente quando os conteúdos produzidos se relacionam com subjetividade, espiritualidade e afetos.

Mais do que uma ferramenta técnica, a IA atuou como gatilho poético. Muitas ideias surgiram a partir de sugestões inusitadas ou erros criativos. Isso reflete o conceito de “IA simbiótica” apresentado por Cozman e Cozman (2022), em que a máquina não age de forma autônoma, mas em colaboração com o pensamento humano, expandindo sua potência sem anulá-la. Ao invés de buscar respostas prontas, o projeto se nutriu da IA como forma de abertura, para perguntar melhor, sentir mais fundo, testar outros caminhos.

Esse uso consciente também exigiu reconhecer os limites da IA. Em vários momentos, o conteúdo gerado era raso, mecânico ou desconectado da profundidade simbólica que o tarô exige. A superficialidade automatizada escancara a importância da presença crítica do humano. Como propõe a UNESCO (2023), a mediação consciente é fundamental para que a IA seja usada de forma sensível e responsável, especialmente em contextos educacionais e culturais.

Por isso, este projeto não idolatra a IA, nem a descarta. Ele tenta ocupar o entrelugar: nem euforia tecnológica, nem rejeição absoluta. Como diz Pizarro (2024), o desafio não está na tecnologia em si, mas na intencionalidade com que ela é usada. Aqui, ela não é motor de produtividade, mas espelho de imaginação. Ela ajuda a formular, entretanto quem escolhe o tom, o gesto, a pausa é o ser humano.

Incluir este processo no corpo do TCC é também um ato de transparência. Seria incoerente defender um uso sensível da IA sem reconhecer sua atuação ao longo do trabalho. Seria injusto atribuir tudo à minha autoria sem reconhecer o que foi, de fato, cocriado. E seria irresponsável não explicitar os filtros, recusas e escolhas que evitaram o uso automatizado e superficial do recurso. A IA, neste projeto, não tem a última palavra contudo ela pode ser uma voz que apoia e amplifica o potencial humano se usada de maneira correta.

REFERÊNCIAS

THE GUARDIAN. *The spiritual economy: young Chinese turn to fortune tellers as anxiety about the future rises*. 30 jun. 2025.

JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. 5. ed. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SICHMAN, Jaime Simão. Inteligência artificial e sociedade: avanços e riscos. *Estudos Avançados*, v. 35, n. 101, p. 37–50, 2021. DOI: 10.1590/s0103-4014.2021.35101.004.

POLLACK, Rachel. *Bíblia clássica do tarô*. Tradução de Enéias Tavares. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2023. 544 p. Título original: *Rachel Pollack's Tarot Wisdom*.

NIELSEN, Jakob; NORMAN, Don. *The Definition of User Experience (UX)*. Nielsen Norman Group, 2016. Disponível em: https://www.nngroup.com/articles/definition-user-experience/.

POLLACK, Rachel. A Jornada do Louco: um guia pelo tarô. São Paulo: Pensamento, 2018.

COZMAN, Fabio G.; PLONSKI, Guilherme Ary; NERI, Hugo (org.). *Inteligência Artificial: avanços e tendências*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.11606/9786587773131.

ÉPOCA NEGÓCIOS. *Explosão da IA no Brasil: estudo mostra que número de empresas na área cresce 857% em dois anos*. 6 maio 2025. Disponível em: https://epocanegocios.globo.com/inteligencia-artificial/noticia/2025/05/explosao-da-ia-no-brasil-estudo-mostra-que-numero-de-empresas-na-area-cresce-857percent-em-dois-anos.ghtml.

NIELSEN NORMAN GROUP. *Learnability is one of the 5 key UX quality components*. 2020. Disponível em: https://www.nngroup.com/videos/learnability-efficiency-ui-design/.

KRUG, Steve. *Não me faça pensar: uma abordagem de bom senso à usabilidade na web*. 2. ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2014.

BASTIEN, J. M. C.; SCAPIN, D. L. *Ergonomic criteria for the evaluation of human-computer interfaces*. INRIA, 1993. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/220016782.

COZMAN, Fabio G.; NERI, Hugo. O que, afinal, é Inteligência Artificial? In: COZMAN, Fabio G.; PLONSKI, Guilherme Ary; NERI, Hugo (org.). *Inteligência artificial: avanços e*

tendências. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, 2021. p. 19–30. Disponível em: https://doi.org/10.11606/9786587773131.

CORDEIRO, Veridiana Domingos. Inteligência artificial e a vida social: considerações sociológicas sobre algoritmos e conhecimento. In: COZMAN, Fabio G.; PLONSKI, Guilherme Ary; NERI, Hugo (org.). *Inteligência artificial: avanços e tendências*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, 2021. p. 203–212.

PRATA, André; BEIGUELMAN, Giselle. Vendo imagens como máquinas: inteligência artificial e reconhecimento facial. In: COZMAN, Fabio G.; PLONSKI, Guilherme Ary; NERI, Hugo (org.). *Inteligência artificial: avanços e tendências*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, 2021. p. 121–128.

MORESCHI, Bruno. Artistas e inteligências artificiais: arte gerada por máquinas ou humanos mediados por algoritmos? In: COZMAN, Fabio G.; PLONSKI, Guilherme Ary; NERI, Hugo (org.). *Inteligência artificial: avanços e tendências*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, 2021. p. 109–112.

FINGER, Marcelo. Inteligência artificial e o oba-oba. In: COZMAN, Fabio G.; PLONSKI, Guilherme Ary; NERI, Hugo (org.). *Inteligência artificial: avanços e tendências*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, 2021. p. 93–96.

ARBIX, Glauco. Inteligência artificial, ética e o desafio da regulação. In: COZMAN, Fabio G.; PLONSKI, Guilherme Ary; NERI, Hugo (org.). *Inteligência artificial: avanços e tendências*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, 2021. p. 259–264.

POLLACK, Rachel. *78 graus de sabedoria: um livro completo sobre o tarô*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Pensamento, 2021.

PLACE, Robert M. *Alquimia e tarô: uma investigação de suas conexões históricas*. Tradução de Petrucia Finkler. São Bernardo do Campo: Presságio, 2016.

PIZARRO, Carolina Vaitiekunas. *Desafios para o Design na era da Inteligência Artificial: reflexões e proposições para favorecer a ética no projeto*. Cuaderno 225, Centro de Estudios en Diseño y Comunicación, p. 45-60, 2024. ISSN 1668-0227.

PIZARRO, Carolina Vaitiekunas. *O uso crítico da Inteligência Artificial como ferramenta de criação no ensino do Design*. Estudos em Design, v. 33, n. 1, p. 104–122, 2025. ISSN 1983-196X.

HESSEL, Ana Paula; LEMES, João. Criatividade assistida por IA: riscos e possibilidades. In: UNESCO. *IA Generativa na Educação*. Paris, 2023.

UNESCO. *Diretrizes para o uso da IA Generativa na educação e na pesquisa*. Paris: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2023.